



FILIGRANAS DE UMA PAISAGEM: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE LUGARES DO MEDO

Solange T. de Lima Guimarães

RESUMO

A paisagem vivida pelos ciganos de forma topofílica e topofóbica simultaneamente, revela que o medo sempre foi um dos motivos essenciais de seus movimentos através dos espaços da Terra, em busca de um lugar onde pudessem apenas viver, sem estarem submetidos às discriminações sociais, preconceitos raciais ou às políticas de repressão e extermínio empreendidas em diferentes épocas e lugares, perdurando até os dias atuais, reavivadas mediante o pesadelo do nazismo sob novas roupagens. No trabalho buscamos o sentido da concretude e do simbólico concernentes aos espaços e lugares experienciados pelos ciganos nos campos de concentração e extermínio, durante o período da II Guerra, revelando a percepção de uma topofobia imanente à própria topofilia. A experiência ambiental dos ciganos sempre foi constituída por sobressaltos em todos os caminhos (objetivos e subjetivos). A paisagem de medo é novamente instalada e diante das incertezas, morte e perplexidades destas populações, um silêncio no resto do mundo permanece: topofilia/topofobia simultâneas.

Palavras-chave: Paisagem de Medo; Ciganos; Topofilia; Topofobia; Experiência Ambiental.

ABSTRACT

The landscape lived by the gypsies in a topophilic and topophobic simultaneously reveals that fear was one of the main reasons for their movings on Earth searching for a place where they could simply live, without being subdued to social discrimination, racial prejudice or to the repression and extermination policies undertaken in different times and places which has been perduring up to the current days, revived by the Nazism nightmare, under different pretenses. We search for the concrete and symbolic meaning regarding to the spaces and places experienced by gypsies in concentration camps and extermination during the Second War, revealing the perception of a topophobia immanent to the topophilia itself. The gypsies environmental experience has always been made of frights in all ways (objectives and subjective). The fear landscape is again stabilished and in front of these populations uncertainties, death and perplexities a silence in the rest of the world remains: topophilia/topophobia simultaneous.

Keywords: Landscape of Fear; Gypsies; Topophilia; Topophobia; Environmental Experience.

FILIGRANAS DE UMA PAISAGEM: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE LUGARES DO MEDO

*"Lá fora estão os Senhores da Guerra
E cantam já hinos de vitória
Qual é a história desta terra?
É o medo
Ali mesmo*

*Cá dentro estão os homens à espera
Unidos no destino da terra
Já não há memória de paz na Terra
É o medo
Ali mesmo*

*Ó Terra
Mais um dia a nascer
Ai, é menos um dia a perder
É tão pouca a glória duma guerra
E os homens que as fazem sem vitória
Já não há memória de paz na Terra
É o medo
Ali mesmo"*

- Francisco Ribeiro e Pedro Ayres Magalhães

SOBRE LEITURAS DA PAISAGEM VIVIDA

Os estudos geográficos têm buscado em diferentes épocas a compreensão e a tradução das experiências ambientais sob o impacto ou a influência de diversas conjunturas sejam estas de ordem natural, social, econômica ou cultural. Assim, a apreensão do significado do conceito de *paisagem vivida* está relacionado aos processos de cognição, percepção, afetividade, memória, alienação e criação de imagens.

Todos os fatores implícitos nestes processos geram interações diferenciadas entre seus vários níveis, e envolvem muitos aspectos referentes às formas de experienciar e apreender a amplitude dos dimensionamentos espaciais e temporais. Para entendermos a paisagem vivida não basta apenas a análise da percepção da dinâmica de suas estruturas espaciais, ecológicas, institucionais, culturais entre outras, presentes no cotidiano de nossos territórios. É necessário que estejamos realmente imersos numa relação pessoa/paisagem entre os espaços e lugares que se prolongam em sua própria existência às direções do imaginário, do mítico, do simbólico, porque delineados e coloridos pelos sentimentos.

Estas maneiras de experienciar as paisagens incorporam as interações imanentes ao significado do *"vivido"*, derivando uma gama de percepções, valores, imagens, atitudes e condutas diante de seus espaços e lugares (TUAN: 1974), que nos conduz à percepção de outras *"realidades"* geográficas extrapolando as coordenadas cartesianas, as mensurações matemáticas, as demarcações de meridianos e paralelos, as normas institucionais, encontrando-se fundamentadas em bases fenomenológicas.

Deste modo, sob determinadas condições o espaço é transmutado em lugar, marcado através de uma identidade especial, com um *"nome próprio"*, representando o substrato das experiências de continuidade e descontinuidade da história de vida dos seres humanos e dos referenciais de suas sociedades, renovados de tempos em tempos, refletidos nos segmentos ou nos componentes de suas paisagens.

A paisagem vivida preserva e transmite ao longo da história de vida de cada um de nós, os valores e percepções de nossos grupos culturais, cristalizando em si o *"tempo vivido"*, mediando relações de convivência entre processos que resgatam as experiências passadas visando a compreensão do presente, bem como armazenando referências para o devir, numa convergência das realidades ambientais experienciadas ainda que sob formas antagônicas.

A experiência ambiental nos induz à reflexão sobre a existência dos espaços e lugares, pois as paisagens circunscritas nestes territórios ao envolverem nossas vidas e ancorarem recordações, encontram-se impregnadas de significados que são renovados a cada novo experienciar, redefinindo planos de representações variadas, códigos, valores, resultantes do próprio espírito humano: inquiridor, descobridor, criativo e imaginante.

Para BUENO (1994:14), o espaço físico é essencial para a recordação da história vivida, pois na busca de um tempo vivido encontramos no primeiro momento, imagens de uma dimensão espacial que *"ao se desdobrar, engendra o tempo e o oculta em suas dobras"*. A paisagem experienciada desta forma não se constitui de espaços alienados, antes de tudo, conforme o autor, está investida de afetividade, de significações valorativas, originando um caleidoscópio de imagens entre o atávico e o real.

Em uma paisagem de seqüências entre o sentimento/pensamento, movimento/pausa, linha/ponto, permanência/mobilidade, imutabilidade/transformações, é engendrado para BUENO (idem:41), o espaço vivido, experienciado como uma forma viva, onde observamos de modo claro a percepção dos lugares como *"capsuladores do tempo e detonadores da memória"*. Mediante as experiências ambientais codificamos nossas realidades onde a paisagem serve de âncora aos fatos ocorridos durante o histórico de cada vida: territórios fincados por imagens que mesmo fragmentadas, descontínuas serão marcos resistentes nos processos da memória e evocação das lembranças.

A leitura da paisagem encontra-se assim, vinculada à percepção sensível do espaço, onde os *"verbos conhecer e viver desdobram-se em padecer, esperar, amar, discutir, negar, em síntese, experienciar..."*, sendo que o sentido da paisagem vivida poderia ser traduzido na força lacônica da afirmativa deste autor, enquanto *"espaço, cápsula do tempo"*. (idem: 36 e 34).

Enquanto um texto, as paisagens compreendem *"muitas leituras, mas não infinitas leituras"*, apresentando diferentes níveis que variam da simples superficialidade de um *"passeio"* do olhar pelas suas formas e modelados até alcançar dimensionamentos mais profundos relacionados à experiência, à percepção e à afetividade humanas, presentes na gênese e na representação dos geossímbolos sócio-culturais.

Assim, temos uma experiência ambiental inerente à dinâmica da vida das diversificadas culturas, sendo formada mediante a interação de segmentos de espaços e lugares concretos e imaginários que simultaneamente compõem as várias realidades de uma paisagem. Segundo a renovação das experiências e percepções concernentes à apreensão do *"texto paisagístico"*, novas paisagens emergem de uma única paisagem vivida original, *refletindo e refratando as realidades* existentes em seus espaços e lugares distintos em suas gêneses e identidades, porém, em contínuas transformações e metamorfoses dos valores e dos códigos simbólicos de uma sociedade no decorrer dos tempos.

Ao abarcar interrelacionamentos entre o Homem e seu espaço vivido, a paisagem envolve aspectos diversos, exigindo das sociedades humanas o desenvolvimento de formas de ler, perceber e interpretar suas imagens de modo diferenciado desde períodos históricos muito remotos. Neste sentido, a experiência de paisagem é integrada por contínuos processos de fragmentação, união, separações, sobreposições, relacionados à construção ou à destruição de espaços e lugares, muitas vezes marcadamente concretos, sem deixar entretanto, de apresentar contrapontos impregnados de subjetividade. Sob esta visão, delimitam e constroem os territórios e as imagens do real e do imaginário, envolvendo o sentido e a construção da dimensão de *"mundo vivido"*.

A paisagem em suas múltiplas faces vai mesclando os movimentos da vida, os sonhos e expectativas, a memória, os desejos de cada grupo cultural, enquanto um único corpo. E então, fragmenta-se para envolver sem rupturas, a geração de atitudes e condutas, de formas e símbolos, de ciclos, ritmos, fluxos, redes de ação, reação e não-ação, pois a paisagem também pode ser um mundo fragmentário, porque vivenciada sob diferentes cadências temporais ou sob antagônicos universos culturais.

ROUGERIE e BEROUTCHACHVILI (1991), discorrendo sobre os diferentes aspectos da experiência ambiental, consideram que o espaço vivido estende-se muito além dos sistemas e estruturas físicas, isto é, de um domínio povoado de objetos, elementos tangíveis, materiais, lógicos. Para os autores, o conjunto das relações existentes na experiência do *"vivido"* está inscrito e impresso neste mesmo espaço, onde o experienciar permite a construção de lugares e a delimitação de regiões de natureza subjetiva, não-material, percebidos como faces da realidade vivenciada quotidianamente por várias culturas, em diferentes estágios de civilização.

Os laços que unem os seres humanos às suas paisagens são formados por espaços vivenciados sob múltiplas formas, diretas ou indiretas, em diversos níveis de interpenetração e interação, de acordo com BERTRAND citado por estes autores (idem: 105). Ao considerarem a evolução do conceito de *"espaço vivido"*, lembram-nos de que neste relacionamento, ou seja, Homem/Paisagem, não é apenas a materialidade do espaço correspondente a uma região ou a um território, a ser resgatada, mas *"o que"* este espaço *"representa"* para os homens ligados ao seu território. Esta situação define, sobretudo, campos de relações subjetivas concernentes à percepção de suas representações, sejam estas, segundo os autores, geométricas, topológicas, projetivas, temporais e simbólicas. (idem: 107).

A paisagem torna-se suporte de uma identidade, como também mediadora das relações Sociedade/Natureza, onde através de alguns elementos naturais ou construídos pertencentes à sua trama simbólica, acaba por exprimir ideologias e concepções pertinentes aos segmentos de suas populações, legando uma herança de espaços e lugares marcados pelas conjunturas de épocas. Os autores, ao analisarem a paisagem enquanto uma herança, nos recordam que para SANGUIN (idem: 115), as paisagens podem ser percebidas como *"l'heritage intellectuel et spirituel d'un peuple"*, transcendendo os geossímbolos individuais, alcançando uma dimensão simbólica coletiva, envolvendo indivíduos, grupos étnicos, considerando a dimensão de suas experiências nos territórios dominados pelos aspectos sagrados e/ou profanos.

Ao discutir as relações existentes entre a paisagem vivida e a territorialidade, RAFFESTIN (1977: 123-124), tece considerações sobre as mesmas enquanto sistemas de representação do espaço, tendo em vista suas *geoestruturas* e *geogramas*, significando sistemas tridimensionais de comunicação, compreendendo "*sociedade-espaço-tempo*" e a justaposição dos relacionamentos derivados. Para o autor, uma mesma paisagem dissimula várias territorialidades, envolvendo não apenas os espaços vitais (no sentido etológico), como também, o espaço vivido e o desenvolvimento de suas relações existenciais.

De acordo com RAFFESTIN (idem: 132), "*le paysage est la structure de surface alors que la territorialité est la structure profonde*". Neste campo, a percepção do jogo de variáveis manifestas no significado da paisagem vivida torna-se essencial para a sua compreensão como um lugar de mediação entre o conhecimento e a sabedoria, a razão e o coração, entre o real e o imaginário, bem como para a hierarquização de seus valores e criação de seus símbolos, orientadora enquanto referências de "*axis mundi*", por exemplo.

Em busca de um conhecimento concernente à dimensão simbólica da paisagem vivida, enveredamo-nos por territórios que desvendam uma interpenetração de mundos, representada por suas cosmovisões, ideologias, relações de poder, transmutando toda a semiose da paisagem em suas estruturas, linguagens e mensagens. Nos processos de transformação e migração de elementos simbólicos, as várias sociedades renovaram as suas escalas de valores, iniciando a criação de novos mitos, de novos padrões de organização do espaço geográfico

CRIPPA (1975: 128-129), analisando as significações do espaço mítico para as realidades vivenciadas culturalmente, considera o sentido da experiência e da percepção dos diferentes níveis de espacialidade, dos conjuntos de significados e possibilidades que induzem ao estabelecimento de relações entre os seres humanos, entre estes e as coisas e o meio ambiente circundante, de maneira harmônica, considerando que a localização do espaço é vital, onde "*tudo sustenta-se e se relaciona nos limites de um espaço determinado. Não importa, para validar esta afirmação, se o espaço mensurável é uma condição da própria realidade ou um dimensionamento inteligível e sensível da realidade externa...*". Para o autor, todas as realidades "*como que assentam num "hic", num "illic", num "ubi" permanente*", sendo a consistência dessa localização, a garantia da "*ordenação das coisas dentro de um mundo estável e inteligível*"

A paisagem vivida ao incorporar o dinamismo dos símbolos, desvenda e (re-) vela territórios distintos e específicos a cada grupo cultural. Toda paisagem vivida é também essencialmente uma paisagem de símbolos individuais ou coletivos, maiores ou menores, mas que diferem tanto em termos da expressão e da percepção, quanto da interpretação de imagens e decodificação de suas mensagens, fatores responsáveis pelas singularidades paisagísticas.

A percepção da dimensão simbólica, sob uma perspectiva experiencial, é sensível pois cada "*lugar*" representa uma via de acesso às dimensões mais sutis, primevas, transcendentais, (e ainda tão reais!) de uma paisagem vivida. *Estar em um lugar* enquanto ponto focal de uma paisagem vivenciada simbolicamente, é uma questão de olhar e sentir o espaço não sob ângulos reducionistas, mas de estabelecer, de criar relações onde cada um destes ângulos, cada elemento paisagístico inscrito nos mesmos, passam a possuir significados próprios, distintos e complexos, revestidos de valores, de identidades, e constituídos por uma heterogeneidade de aspectos porque são fragmentos de uma paisagem de imbricadas possibilidades de representações e sensibilidades, bem como de infinitos sentimentos topofílicos ou não.

Ao considerarmos os estudos e ensaios apresentados por TUAN ao longo dos últimos vinte anos, sobre a construção dos sentimentos de afeição ou aversão

pertinentes às paisagens, somos levados a indagações sobre a ocorrência simultânea destes mesmos sentimentos em determinados grupos e/ou indivíduos. A simultaneidade da topofilia/topofobia respectiva à natureza da experiência ambiental destes grupos está firmada em suas especificidades sócio-culturais, na interpenetração dos níveis subjetivo e objetivo, concreto e imaginário da experiência e percepção relativas à paisagem vivida.

Em seus trabalhos, o autor apresenta a existência de um sentimento topofílico "ou" topofóbico, fundamentados em suas análises de alguns exemplos clássicos da literatura antropológica que abordam estudos sobre sociedades pré-letradas ou não, produzidos durante as décadas de quarenta e cinquenta. Ao revermos estes estudos, muitos questionamentos surgiram, principalmente, quanto a induzir a aplicabilidade de tais generalizações referentes à percepção e aos valores paisagísticos, sejam estes condizentes à topofilia ou à topofobia, para outros contextos culturais distintos, vivendo sob conjunturas extremamente diversificadas, onde complexas estruturas geográficas estabelecem intrincadas relações entre seus espaços, lugares e paisagens.

Em finais do século XX, nossas concepções sobre a construção dos sentimentos e imagens concernentes à paisagem vivida não devem estar restritas, imutáveis, estáticas, mas em contínuo e dinâmico desenvolvimento, considerando-se a gênese das inumeráveis experiências e percepções ambientais. Acrescenta-se ainda, uma heterogeneidade de culturas convivendo e partilhando uma mesma paisagem em interações íntimas e profundas, lado a lado. Nesta paisagem vivida onde territórios são interpenetrados sob múltiplas formas e, conseqüentemente, são experienciados de infinitas maneiras, estamos diante não somente de uma arena de antagonismos afetivos, como também da simultaneidade dos sentimentos topofílicos e topofóbicos que envolvem um mesmo lugar.

Este estudo sobre as experiências ambientais de sobreviventes do Holocausto, ao centrar as percepções da paisagem de medo representada pelos campos de concentração nazistas, construídos no período da II Grande Guerra, buscou resgatar o significado de alguns lugares no decurso das trajetórias das rotas da morte : simbolismos paisagísticos interiores e exteriores. Uma das fontes referenciais para o desenvolvimento do trabalho foi a obra de Oliver LUSTIG, KZ: *Dicionário do Campo de Concentração*, (1991), analisada sob a luz dos estudos geográficos sobre percepção e experiência ambiental apresentados por TUAN (1983; 1979; 1974) e DARDEL(1952).

Mais uma vez, cabe lembrarmos-nos que estas não são , em nenhum momento, as únicas paisagens de medo de um tempo de jornadas antigas, porém, fazem parte de um passado muito recente, vivido pelos nossos pais, avós, amigos, tratando-se de certo modo de um dever o fato de *lembrarmos e guardarmos* esta paisagem de morte e de medo não experienciada diretamente por muitos de nós, mas apenas mediante a narrativa de outras histórias de vidas, de outros fatos que aconteceram um dia em outros lugares e espaços...

Assim, a paisagem dos campos de concentração e extermínio tornou-se um lugar focal para as gerações do pós-guerra, pertencentes a estes grupos étnicos, a estas minorias culturais. Todos perdemos: judeus, ciganos, os outros, amigos e inimigos. Perdas e encontros: início da construção e sedimentação de uma topofilia/topofobia concomitantes, coexistentes, em simultaneidades, inserindo no contexto geográfico e histórico global, experiências pontuais e simbólicas. Estas populações tão distintas inscreveram nas paisagens da Terra, lugares mediados pela afeição/aversão, mas que sempre resguardarão em suas imagens estas faces e sentimentos indissociáveis, porque inerentes em si próprios.

Ao considerarmos a diversidade cultural a moldar e filtrar nossas percepções e experiências ambientais, observamos que topofilia e topofobia não ocorrem em diferentes compassos, em inversões excludentes, mas, a exemplo de uma composição

musical, representam um contraponto indissolúvel ao tema, às suas variações, na criação e na harmonia do ritmo de seus movimentos e do silêncio de suas pausas.

Topofilia/topofobia pertencem ao ritmo da vida de todos os povos, de todas as suas memórias, fragmentárias ou não, determinando as filigranas da paisagem vivida formada pelos minúsculos fragmentos das histórias de vida individuais e dos seus lugares numa composição de traçados inusitados, inesquecíveis, principalmente, quanto à escolha dos rumos a serem tomados: caminhos/lugares garantindo, firmando uma identidade étnica, uma permanência cultural; a plausibilidade das visões de mundo, a demarcação dos territórios entre o visível e o não-visível, através de uma paisagem geográfica de sensibilidades.

FRAGMENTOS SOBRE A PAISAGEM

A reflexão vai brotando entre a terra dos pensamentos e sentimentos, sensações e lembranças indefinidas, restos de lugares e mundos partidos e, por esta razão, em fragmentos. Fragmentos porque a própria experiência de paisagem é integrada por contínuos processos de se partir, quebrar-se, ligar-se, fundir-se, mediante o mover de nossos olhos, de nossas mãos, de todo o nosso ser: percepções e sensações do corpo e do espírito.

Experiências por espaços e lugares marcadamente concretos, impregnados de subjetividades a delimitar e a construir os territórios do real e do imaginário de cada ser humano, segmentando a realidade em significados diversos, envolvendo o senso e a presença de mundo: gestos, palavras, toques, mensagens, memórias... Composição de imagens: ícones de nossa paisagem vivida.

A paisagem em suas múltiplas faces mescla-se com a vida, com o sonho, com o desejo de cada cultura, enquanto um único corpo. E, então, novamente fragmenta-se para envolver uma gênese de atitudes e condutas, de formas e símbolos, de ciclos, movimentos, ritmos, de agir e não-agir - paisagens de um mundo fragmentado porque vivenciado sob diferentes cadências temporais... Paisagem crivada no tamis de nossas experiências e percepções.

Paisagem de fragmentos porque traçadas entre a lenda e a história, apresentando um constante movimento: caminhos, estradas, rotas, veredas, transformados em lugares. Ao mesmo tempo, espaços segmentados sob a ação de causas diversificadas, tornando-se a si próprios, imagens fragmentárias de um universo cultural nem sempre conhecido, mas continuamente amado e odiado, porque paradoxo de percepções, experiências e valores, enfim de cosmovisões.

Desta forma, paisagens emergem de uma única paisagem, segundo nossas experiências e percepções. Ao envolverem os aspectos objetivos e subjetivos do espaço vivido, cristalizam em suas respectivas imagens as estruturas das dimensões espaço-temporais onde a realidade é formada pelos mundos do real e do imaginário, imprimindo marcas entre a racionalidade e a afetividade, originando complexos sistemas simbólicos.

Mediante estas marcas são definidos os lugares inscritos em cada ângulo da paisagem, segundo TUAN (1983), constituindo espaços diferenciados em sua gênese e identidade. As seqüências das imagens destes lugares variam conforme nossas experiências ambientais, sejam estas individuais ou coletivas, sendo transformadas no

decorrer do tempo, em termos do seu significado e das formas de valorização dos seus componentes.

Os elementos que formam a composição destes mosaicos paisagísticos, ao conterem diferentes códigos simbólicos constituem, na visão de BONNEMAISON (1981), os "*geossímbolos*" de uma paisagem representando referências fundamentais para a memória de diversos povos. Alguns registros e tradições de antigas civilizações nos contam a respeito da história de vida dos homens e das suas relações com as paisagens da Terra. Ainda que estes não existam mais, as ruínas ou as relíquias paisagísticas continuam a ser uma fonte de recursos, levando-nos a um melhor conhecimento do potencial humano em relação à criação ou destruição do espaço vivido.

WAGSTAFF (1987:02), ao discorrer sobre a paisagem cultural traçando intersecções entre a Geografia e a Arqueologia, considera as paisagens como um legado de formas onde "*the voices from the past are heard through an incomplete and fragmentary physical record*". Para o autor, este legado mesmo que fragmentário, situado na dimensão espacial, abriga o universo da experiência e dos significados imanentes a ele, envolvendo também sistemas de valores desenvolvidos em uma determinada época, durante a continuidade dos processos de evolução cultural das várias sociedades.

Assim a paisagem é sempre uma herança manifesta em testemunhos de uma objetividade que vai emergindo da própria subjetividade, tendo em vista, que a realidade geográfica nos conduz às múltiplas dimensões do *vivido*, extrapolando os limites territoriais muito além das suas imbricadas interações relativas à matéria, à concretude dos espaços.

As paisagens compreendem a atmosfera espaço-temporal do mundo vivido, porque os ritmos dos movimentos inerentes aos lugares trazem em si a dinâmica e a força das essências da Vida. Para DARDEL (1952:42), representam "*une fenetre sur des possibilites illimitées: un horizon. Non une ligne fixe, mais un mouvement, un elan.*" Ainda, de acordo com este autor, a paisagem não se restringe apenas como substrato e meio, mas expande-se em significados, ao incorporar o sentido de fonte de vida, estabelecendo relações existenciais entre o Homem e a Terra.

À medida que os grupos culturais reencontram seus espaços como um prolongamento da própria identidade dos seus habitantes, estas relações são intensificadas, interiorizadas, gerando processos combinados e simultâneos de construção, destruição e recuperação da paisagem, de natureza diversificada. Sob esta ótica, todas as paisagens são heranças em vários sentidos, seja como realidade terrestre ou realidade cultural, transformadas a todo instante, de maneira contínua, ao longo dos tempos.

Além destes processos interativos e transformadores, os povos ainda desenvolvem leituras de suas paisagens, reinterpretadas a cada novo experienciar, a cada nova percepção do espaço. O conhecimento decorrente desvenda a coexistência de paisagens vividas paralelas, completamente diferenciadas, segundo a percepção da realidade geográfica, pois em concordância com DARDEL (1952:47), "*un même pays est autre pour le nomade, autre pour le sédentaire*".

As formas de decifrar e compreender os símbolos interjacentes em uma paisagem tornam um mesmo lugar tão diferente para um indivíduo e outro, pois revelam o traçado de fronteiras tênues, sutis, existentes na percepção de um espaço material e outro imaginário, abrigando paisagens interiorizadas em afetividade, numa significativa interrelação de elementos naturais e construídos. Esta configuração da unidade paisagística, permite a DARDEL (1952:41) afirmar que "*le paysage est un ensemble*:"

une convergence, un moment vécu. Un lien interne, une 'impression', unit tous les elements".

Deste modo, podemos ainda considerar a paisagem como o legado de um jogo de forças, testemunhando não somente a ação dos elementos e processos naturais, mas também as interferências da presença humana. Esta, de acordo com as circunstâncias experienciadas, atribui valores e significados às suas paisagens, que passam então, a inerir a sua própria história de vida, uma territorialidade marcada, determinada pela afeição, originando o espírito de um povo e de um lugar.

NAVEH e LIEBERMAN (1984) , de outro ângulo, consideram que a noção de paisagem abarca interrelacionamentos entre as sociedades humanas e seus espaços de vida, mesclando, por sua vez, as paisagens naturais e construídas. Estas relações, segundo os autores, encontram-se, desde a antiguidade, bem documentadas através das fontes bíblicas, talmúdicas, gregas e romanas, podendo ser consideradas como uma espécie de berço para a civilização ocidental no tocante aos cuidados, práticas de conservação e manejo das paisagens.

O mais antigo registro referente ao termo "*paisagem*" na literatura universal, conforme estes autores (1984:03), está no "*Livro dos Salmos*" (Salmo 48), relacionada às palavras hebraicas "*noff*" (paisagem) e "*yafa*" (beleza), visando a descrição e a visualização da beleza cênica de Jerusalém, com suas construções, jardins, palácios e com o Templo, na época de Salomão.

As concepções iniciais sobre "*paisagem*" estiveram voltadas mais especificamente aos aspectos e valores estéticos, porém, através dos tempos, o significado do termo passou por profundas transformações, perdurando uma conotação associada à percepção visual, onde a preocupação ou foco de interesses, ainda girava em torno da harmonia e equilíbrio das formas e dos traçados paisagístico-arquitetônicos, tendo como objetivo central, a beleza de sua composição, de seu cenário. Nestas concepções não se registravam de modo explícito, reflexões ou preocupações voltadas ao desenvolvimento de um senso ecológico referente aos conceitos de "*qualidade ambiental*" e de "*qualidade de vida*", como entendemos na atualidade.

Esta visão refletiu-se nas formas de organização do espaço, especialmente, no continente europeu onde a "*construção*" de uma paisagem deveria conter os princípios simbólicos de um "*cosmos*", onde suas hierarquias sociais, culturais, econômicas eram materializadas em formas arquitetônicas, a exemplo das catedrais góticas, representativas de um "*axis mundi*" relativo a um período histórico marcado pela fragmentação de suas estruturas, gerando intensos conflitos refletidos na paisagem geográfica. Na interpretação de imagens do real e do imaginário, do construído e do natural, era urdida uma herança paisagística fundamentada em padrões, valores, símbolos, numa somatória de poderes seculares e sagrados que organizavam os mundos desta época.

Ainda para NAVEH e LIEBERMAN (1984:04), é desde o período da Renascença e, principalmente, durante os séculos XVIII e XIX, que a conotação de espacialidade vem adquirindo uma significação crescente quanto à experiência da paisagem, em termos da realidade espacial/visual. Ao discorrerem sobre a evolução do conceito em questão, estes autores trazem à lembrança que só a partir do século XIX, Humboldt introduziu o termo "*paisagem*" ("*landschaft*"), revestido de um sentido científico-geográfico, tendo por objetivo, definir o caráter total de uma região da Terra ("*Der Totalcharakter einer Erdgegend*").

Posteriormente, os problemas concernentes à organização dos espaços exigiam uma nova abordagem da temática e, assim, diferentes estudos e análise sucederam-se, onde a paisagem estava intimamente relacionada ao conceito de região, privilegiando ora os aspectos fisiográficos, ora os aspectos sócio-econômicos e

culturais de uma mesma paisagem, conforme as diferentes linhas do pensamento geográfico.

De maneira geral, ainda não podíamos observar uma análise integrada da Natureza e da Sociedade, de suas paisagens naturais e construídas. A visão holística dos pioneiros naturalistas, a exemplo do próprio Humboldt, havia tornado-se fragmentária: a paisagem era como um corpo que podia e devia ser dissecado pelos vários campos da Ciência: geografia, geologia, biologia, antropologia, arqueologia, entre outras.

Entretanto, durante as décadas anteriores e posteriores ao período compreendido pelas duas guerras mundiais e, de forma especial, os primeiros anos subseqüentes ao pós-guerra de 1945, as questões geopolíticas relativas à reorganização das fronteiras internacionais, rupturas de relações colonialistas e estabelecimentos de acordos colaboracionistas e mercantis, levaram à emergência de diversas formas de abordar as questões sobre a paisagem. Esta mudança de atitude estava também vinculada a uma tomada de consciência científica diante dos problemas de degradação ambiental, crescimento populacional, utilização de recursos, poluição, etc., e, segundo NAVEH e LIEBERMAN (1984:04), a noção de *Ecologia de Paisagens* como uma ciência interdisciplinar, surgiu na Europa Central após a II Guerra Mundial.

Esta nova concepção pressupõe não apenas mudanças respectivas às condutas humanas, como também, uma atitude de reconhecimento do meio ambiente como um sistema integrado, onde a paisagem é uma dimensão concreta espaço/temporal que, de acordo com os autores, vai definindo entidades do Ecosistema Total Humano. Sob esta ótica, envolve a integração estrutural e funcional da geosfera, biosfera e tecnosfera, onde a meta significa a reconciliação da Sociedade com a Natureza, mesmo diante de um complexo sistema de interações, destacando-se as demandas de uma sociedade industrial, de um crescimento demográfico acelerado, de impactos e riscos ambientais de gênese variada, em contraponto às necessidades mais sensíveis dos seres humanos. TROLL, citado pelos autores referenciados (1984:04), nos inícios dos anos setenta, ao tecer considerações sobre o desenvolvimento semântico e epistemológico do conceito, define "*paisagem*" como "*the total spatial and visual entity*", relacionada intrinsecamente, aos espaços da vida humana, integrando portanto, a geosfera com a biosfera e a noosfera.

No campo da Geografia Humanística, durante as últimas três décadas os estudos sobre a paisagem foram retomados sob diferentes formas, considerado o caráter interdisciplinar inerente à sua própria conceituação. Neste sentido, surgiram novas análises não mais restritas às áreas específicas desta ciência, mas interrelacionadas às formas de expressão artísticas e literárias, visto que todas são legítimas expressões da experiência e percepção da "*paisagem vivida*". Muitos autores marcam a produção deste período, especialmente, em meados da década de setenta em diante, analisando a paisagem de maneira transdisciplinar.

A paisagem, enquanto objeto de nossos estudos e análise geográficas, é um mosaico de inúmeras variantes em estágios diversos de interações simultâneas e contínuas transformações. A paisagem é o legado de remotas e intensivas modificações espaciais, resultado da combinação de processos naturais e antrópicos, tais como a heterogeneidade de ecossistemas, diversidade biológica e cultural, além de fatores sociais, econômicos, psicológicos, em permanente geração de processos de degradação e regeneração. Ainda sob estes aspectos, podemos perceber profundas influências nos espaços de desenvolvimento dos ritmos e ciclos responsáveis pela vida e morte, ascensão e declínio das várias civilizações, assim como de seus lugares, de suas paisagens, de suas pessoas.

PAISAGEM DE FILIGRANAS: LUGARES DE MEDO

Ao discorrer sobre as paisagens de medo, TUAN (1979) leva-nos a refletir sobre situações extremamente variadas, onde o meio ambiente natural ou construído, dependendo dos filtros perceptivos determinados pela cultura e pela experiência, podem envolver uma larga amplitude de aspectos concernentes à gênese de emoções diferenciadas. Estas, por sua vez, evocam imagens sobre a paisagem vivida e/ou simbólica, as formas de experienciá-las e, no dizer do autor, sobre as maneiras de traçarmos "*laços e ressonâncias*". Em nosso estudo buscamos as filigranas destes traçados nas paisagens dos campos de concentração e extermínio construídos pelo Estado Alemão Nazista.

A paisagem de medo representada por estes lugares, engendrou um experienciar o entorno sem precedentes na contemporaneidade, e as memórias e lembranças que ainda afloram nos sobreviventes não foram extintas, esquecidas e nem ao menos simplificadas em resumos de histórias de vidas desprovidos de qualquer esperança. Para muitos o medo teve uma duração demasiadamente curta, embora sua intensidade estivesse às raias do terror; para outros, arrastou-se associado à angústia, ao pânico, a cada segundo de todo o tempo durante o qual, enquanto prisioneiros subsistiram em condições as mais adversas e hostis possíveis, tanto sob os critérios de uma análise objetiva quanto subjetiva, subjugando quaisquer manifestações e expressões de vida.

Enquanto um sentimento complexo, segundo este autor, a emoção correspondente ao medo compreende dois componentes fundamentais: (1) *senal de alarme*, quando um fator inesperado ou impeditivo no ambiente gera formas de respostas instintivas, podendo significar fuga, ataque e defesa; e (2) *ansiedade*, significando uma sensação difusa de medo, pressentimento do perigo mesmo sem nenhum indício de ser detectado ao redor ou nas proximidades, justificando assim este estado psicológico. Para TUAN (1979: 04-06), estas condutas acontecem comumente ao experienciar ambientes estranhos, desconhecidos e em conseqüência, desorientadores, onde não possuímos referenciais de apoio. Sob uma análise etológica, não diferimos muito das outras espécies animais em seus comportamentos instintivos, divergindo todavia das mesmas, devido à nossa superioridade mental, à variação emocional, sendo estas indicadoras da complexidade de nosso sistema nervoso e de forma indireta, de nossa mente.

Através da mente, mundos são criados, povoados, conhecidos, temidos, odiados ou amados, e a imaginação muitas vezes, desenvolve emoções e constrói lugares que não encontram nenhum tipo de solução, conforme o autor, a exemplo do terror metafísico, cuja mitigação só é alcançada na Divindade. Além destes e dos casos considerados patológicos, a gênese do medo está associada de modo geral, às circunstâncias exteriores, ambientais, englobando diferentes modos de ameaças. Assim, a paisagem ao apresentar-se tanto como *construção mental e entidade física mensurável*, pode transmutar-se em um cenário detonador de estados psicológicos variados, oscilantes entre as manifestações de sentimentos topofílicos ou topofóbicos, entre os símbolos de cosmos e de caos.

De acordo com TUAN (1979:06-09), tornam-se necessários à abordagem, o estudo destas paisagens para um conhecimento mais profundo das realidades ambientais, seja em relação às percepções derivadas da perspectiva experiencial individual e coletiva, bem como em relação às tentativas de posicioná-las em marcos ou contextos histórico-culturais.

Sob este ângulo, o campo de concentração enquanto uma paisagem de medo, justamente símbolo de um destino primeiramente incerto e da permanência de estados de inseguranças e angústias por ser um espaço desconhecido, foi também símbolo do aprisionamento, da dissolução e da morte para as populações segregadas aos seus territórios, encarnando não somente percepções sobre a experiência de medo engendrada pelo clima da II Guerra, mas ainda, a instalação de uma utopia apregoada pelo Partido Nacional Socialista da Alemanha de Hitler.

Na delimitação desta paisagem estava contida a maior e a mais poderosa ameaça ao império do Reich e, entretanto, a mais impotente, porque subjugada pelo medo: eram seres humanos desesperados, destituídos de direitos, de referências básicas, aterrorizados em face de um inimigo hediondo, agente da fragmentação de todo e qualquer vestígio de segurança. Paradoxalmente, a construção desta paisagem refletia segurança máxima sob um outro contexto: cercas eletrificadas, muros e sebes de espinhos tentando parecer ou ocultar um "*jardim secreto*", à semelhança de muralhas visíveis e não-visíveis separando mundos - um, de seres "*inferiores*" confinados a estes espaços; outro, o dos "*superiores*" a quem *pertenciam* os espaços, sem limites para movimentar-se, sem árbitros, sem medidas.



Trilhos de Auschwitz

Fonte: www.aish.com/holocaust/overview
2001

O medo gerado entre as comunidades estigmatizadas nos territórios ocupados do Reich, não se restringia às linhas demarcatórias dos campos da morte porque ao serem atingidos por esta atmosfera de emoções tão antagônicas, criaram mecanismos de defesas frente ao real e ao imaginário coexistentes nestes lugares. Pressentimento e sabedoria, discernimento e consciência, criatividade e imaginário: mediante este jogo de sobrevivência, era chamada à existência a possibilidade de um vôo além das fronteiras eletrificadas, muito ao longe destas trincheiras, destes campos situacionais que ao mesmo tempo retraíam seus movimentos de liberdade e serviam como valas coletivas do sepultamento das identidades culturais dos "*outros*".

Os espaços e lugares eram agora experienciados não em sua concretude, mas em uma dimensão do imaginário, levando no final de tudo, à alienação, à "*petrificação*", e à apreensão de imagens tríplexes de diferentes espécies de dor e de estados de medo. LUSTIG (1991:16-17), ao descrever o cotidiano destes lugares em sua

narrativa sobre os habitantes desta paisagem de medo, descreve ainda com extrema sensibilidade e de forma lúcida e vívida, a geração e a manutenção do medo nos campos de concentração e de extermínio, como podemos analisar a seguir:

*De todas as invenções do regime nazista, o que Hitler mais amava eram os campos de extermínio. Seus princípios satânicos de um estado de senhores e escravos, encontravam nos campos de concentração a sua expressão mais acertada. O princípio básico do Grande **Reich** de Hitler, que deveria consistir na existência de **Übermenschen** e **Untermenschen**, tinha de ser o medo. Os habitantes do **Reich** - senhores e escravos - deviam tremer de medo, deviam sentir o pavor até os ossos. Mesmo a morte, profissão principal dos nazistas, era só um dos métodos eficazes de meter **Angst** ao mundo. A finalidade continuava sendo **die Angst**.*

*Numa ordem de 12 de dezembro de 1941, Keitel ressaltava expressamente que o **Führer** considerava a setença "trabalhos forçados perpétuos" como um sinal de fraqueza, que só pela condenação à morte conseguir-se-ia uma intimidação eficaz.*

*Hitler não se contentava em instituir **die Angst** em todo lugar. Ele chegou inclusive a teorizar sobre a sua necessidade. Achava que a crueldade era atuante e que as pessoas precisam e aclamam o medo. Elas precisam temer algo. Elas desejam ser amedrontadas, desejam se submeter por medo a alguém. Que histórias são estas sobre crueldade, queixas sobre maus-tratos? A massa os deseja. Ela sente a necessidade de tremer de medo.*

*Hitler apostava muito nos campos de concentração, porque ali **die Angst** dominava realmente de maneira total e abrangente. Ela penetrava na carne e nos ossos dos **Häftlinge**, junto com o ar do campo de concentração, que eles respiravam.*

*Os **Häftlinge** tinham medo do **Blockälteste**, do **Lagerälteste**, do **Kapo**, dos cães-lobos e dos homens da SS. Tinha medo do chicote, do porrete, do **Bock**, do **Baum** e do **Bunker**.*

*Os **Häftlinge** tinham medo do arame farpado ligado à alta-tensão, das câmaras de gás e do crematório. Tinha medo das pancadas, dos maus-tratos, das torturas, do tiro na nuca e do enforcamento.*

*Os **Häftlinge** temiam o **Appell**, a **Blocksperrre**, a seleção, as doenças, e **die Experimente an lebendigen Menschen**. Dia e noite eles sentiam medo daquilo que sabiam que os esperava, e tinham medo daquilo que desconheciam.*

*Sobretudo, os **Häftlinge** tinham medo da morte. Eles queriam viver, mas o **KZ** pertencia ao reino da morte.*

*No entanto, **die Angst** diminuía com o passar do tempo, em vez de aumentar, apesar de todas as precauções tomadas por Hitler e Himmler e de toda a turma da SS. Os **Häftlinge** acostumavam-se a tudo, inclusive à morte. A carne não mais estremecia neles, quando eram chamados para o interrogatório no **Bunker**, nem quando era ordenada a seleção, ou quando seguiam com os*

olhos o carro que recolhia dos cadáveres da praça ou entre os barracões. Um único temor acompanhava-os até o momento da libertação. Um medo que não tinha sido planejado por Hitler, nem pela turma da SS, e também não teria sido compreendido por eles.

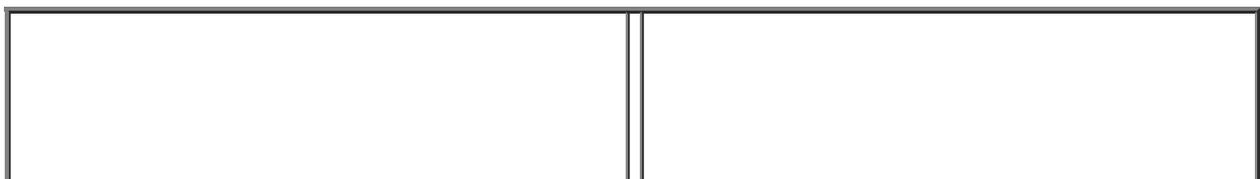
*Até o momento da libertação, os **Häftlinge** temiam, naquele inferno de monstruosidades que representavam o campo de concentração, esquecer que eles pertenciam à raça humana. Eles temiam ser rebaixados e privados da sua condição humana.*

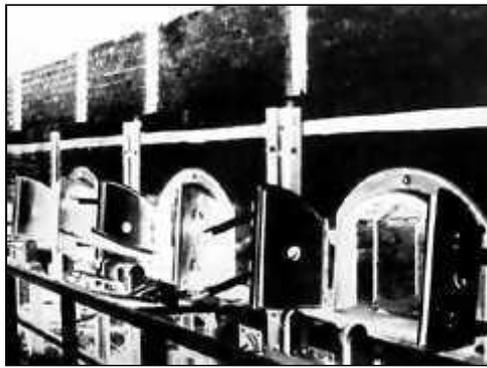
O campo de concentração resguardou em si e para si todos os possíveis atributos e valores referentes à crueldade, perversidade, violência e desrespeito aos direitos mais elementares concernentes à vida humana. O restante do mundo, fora das limitações destas "muralhas", mantiveram seus olhares de maneira próxima ou distante, atenta ou displicente, no tocante à observação desta paisagem, crivando a mesma através de inúmeros filtros perceptivos. Sendo assim, a paisagem de medo abarcava a deterioração das consciências humanas, refletia mudanças sociais, transformações nos processos afetivos, nos códigos de valores e ética, nos processos de adaptação e alienação psicossociais, na organização do espaço geográfico.

Ao constituir-se em uma paisagem vivida, os campos de concentração e de extermínio não eram simples e frágeis constructos sobre fatos e fantasias, nem à semelhança de imagens de sonhos de infância. A percepção da paisagem destes campos levou à formação de imagens de pesadelo e aprisionamento, das quais só alcançariam a liberdade mediante a destruição de seus corpos: face a face com o ato deliberado de uma sentença de morte, pressentida ou não, tornando-se fumaça, fuligem e cinzas mescladas à névoa, ao solo: sutilidades dos *Senhores dos Campos* - a SS.

Não havia dissimulação sobre as formas de morrer, todos os prisioneiros sabiam depois de um breve tempo, o significado das "duas filas", dos "trabalhos", das "experiências", das "amabilidades". Os segmentos de população prisioneiros vivenciavam um abandonar-se às asperezas e agruras destes espaços e neste ínterim, a milenar e renitente resistência de subsistir era minada, encontrando-se à mercê das formas justificadas e injustificadas de medo, numa invasão, numa envolvimento de corpo e espírito.

As imagens dos campos de concentração resgatadas através de documentação fotográfica, descrições de relatórios, representações artísticas ou não de formas da expressão humana (desenhos), e, especialmente, das narrativas de alguns sobreviventes, permaneceram como signos de um derradeiro lugar de abandono: um caos exageradamente ordenado, contraponto de antagonismos profundos relativos à percepção de espaços movimentantes, ano após ano, somando-se em séculos, no cumprimento das rotas e dos ciclos da Vida, conhecidos sob estruturas tangíveis, experiências íntimas, valores próprios, símbolos milenares estáveis. Territórios e lugares em movimento, em perpétuo mover-se, porque construídos na paisagem interior; sedimentados e ancorados por antigas tradições.





1.



2.



3.



4.

Fonte: www.aish.com/holocaust/overview
2001

Legenda:

1. Fornos Crematórios 2. Barracões
3. Portal de Auschwitz 4. Interior dos barracões - Dormitórios Masculinos

A aguda percepção ambiental das primeiras imagens de um campo de concentração, conduzia a espaços marcados pela tensão e inquietude, levando o recém-chegado a experienciar esta situação com os nervos à flor da pele: a chegada nas rampas ferroviárias de Birkenau-Auschwitz, era percebida como um sentimento de alívio, acompanhado de uma sensação imediata de terror, capaz de paralisar alguns, gerar pânico e levar outros, a crises de loucura, porque nesta mescla de estados de torpor, alerta, alienação e consciência total, talvez pressentissem em um só olhar, em um "insight", o doloroso processo de separação e destruição aos quais seriam submetidos, sem tréguas. LUSTIG (1991:12-13), assim descreve estes momentos:

Depois de tantos dias e noites de sofrimento, de fome e de sede, de frio intenso ou calor insuportável, porém sobretudo após a pergunta torturante que havia se tornado uma obsessão: "O que será de nós?", a ordem "Alle heraus!" parecia aos deportados como um sinal de salvação, e eles se empurravam em direção ao espaço livre que havia se formado com a abertura das portas.

Durante três, quatro, cinco, seis dias e noites eles não tinham podido ver dos trens de carga, nem as planícies nem as florestas, pelas quais haviam passado, nem pessoas nem pássaros, nem mesmo um pedacinho do céu.

*Portanto eles se espremiavam em direção ao espaço que as portas dos vagões destrancadas e abertas ofereciam, como se ali fossem encontrar a liberdade. A ordem **"Alle heraus!"** reforçava-lhes esta sensação.*

No entanto, os primeiros a pularem do trem eram tomados por um gélido horror. A estranha imagem, que se lhes oferecia, paralisava-os: intermináveis cercas de arame farpado, centenas de postos de guarda com pessoal da SS, todos com a mão no gatilho, barracões e mais barracões até onde a vista alcançasse, apenas barracões perfeitamente alinhados e defronte deles pessoas em roupa listrada, milhares, centenas de milhares, e sobre isto tudo fumaça, fumaça-pesada, negro-azulada, sufocante, e em lugar algum um pedacinho do céu...

*Mesmo assim os primeiros pulavam dos vagões, empurrados por aqueles que vinham atrás, incitados pela infinitamente repetida ordem **"Alle heraus!"**, desesperados por causa dos gritos dos doentes e moribundos, empurrados pelo insuportável mau cheiro dos cadáveres já em estado de decomposição, do fedor dos baldes, nos quais as pessoas haviam feito suas necessidades durante cinco ou seis dias e noites, na crença de que aqui só poderia ser melhor.*

*Nunca em nenhum lugar as pessoas foram com tanta confiança para o encontro com a morte, como os milhões de deportados dos vagões de carga parados diante das rampas em **Birkenau**, incitados pela interminável ordem:*

"Alle heraus!"



Vagão de Transporte

Fonte: www.aish.com/holocaust/overview
2001

Prisioneiros, tempo após tempos, apenas lembravam-se de sua condição de humanidade em instantes onde eram quebrados os processos de alienação: quem sabe no reencontro de olhares amados ou plenos de significados, no deparar-se com o corpo de um parente após a "seleção", ou então na coragem para romper todos os limiares destes espaços e fugir de si mesmo e da paisagem do medo, interna ou externa, tentando insólitas fugas quase impossíveis.

As imagens estavam sendo gravadas indelevelmente nas mentes e corações dos prisioneiros, mediante processos psicológicos induzidos com técnica, perícia e exatidão, calculadas e desenvolvidas de forma sistemática e precisa. A paisagem do campo de concentração era organizada geograficamente de maneira compulsiva, pois os comandos da SS não admitiam falhas em seus métodos e arranjos espaciais, estimulando e recompensando toda teoria ou prática aperfeiçoadas para *institucionalizar* a morte. Segundo LUSTIG (1991:29), *"para os SS, a morte era um profissão como qualquer outra. Em consequência o matar teria de ser aprendido e feito com prazer... Como se mata, aprendiam brincando. A melhor escola eram os campos de concentração."*



Prisioneiros

Fonte: www.aish.com/holocaust/overview
2001

Embora diferenciados grupos de população habitassem os campos, ninguém estava isento das ordens de "bloqueio", de "seleção", como também dos assassinatos nas câmaras de gás, nas valas de fuzilamento e posteriormente, do envio de seus corpos inertes aos crematórios para serem transformados em cinzas, utilizadas depois como fertilizantes. Quando a ordem de bloqueio de uma ala ou barracão era comunicada ao anoitecer, conforme este autor, novamente o medo levava os prisioneiros às situações de pânico e todos os seus sinais vitais de alarme eram então, despertados da letargia na qual estavam mergulhados. LUSTIG (1991:38-39) descreve de modo magistral a "tempestade" desenvolvida logo após o anúncio de "bloqueio":

O medo da morte agarrava-se definitivamente a nós quando ouvíamos o chamado "**Blocksperre!**". Isto normalmente acontecia à tardinha, ao anoitecer. Dois *Läufer* aproximavam-se correndo pela alameda que dividia o campo ao meio, vindos da guarda SS do portão, gritando com todas as suas forças:

"Blocksperre!... Blocksperrreeee!..."

Via-se o medo da morte de todos os **Häftlinge** em todas as praças pelos seus olhos saltados das órbitas. Empurrando e pisando uns aos outros, espremíamos-nos para dentro dos barracões. As portas eram trancadas.

Depois de minha chegada ao campo E, a **Blocksperre** foi ordenada pela primeira vez em meados de agosto de 1944. Naquela noite todos os ciganos do campo foram queimados.

Na manhã seguinte, os barracões do lado direito da alameda, cujos números eram todos pares e até ali tinham estado cheios de ciganos, pareciam, com suas portas escancaradas, túmulos vazios e profanados.

A partir de então, os chamados dos **Läufer** ao longo da alameda se tornaram cada vez mais freqüentes: **Blocksperre!** E, depois da noite que se seguia a este chamado, encontrávamos sempre, ao amanhecer, um ou dois barracões vazios. Dos barracões destinados à eliminação, ninguém ficava vivo. Nos dias seguintes eram enchidos com os últimos sobreviventes dos guetos poloneses...

Dominados pelo medo da morte, os **Häftlinge**, por trás das portas fechadas, desandavam a chorar, a gritar desesperadamente, a lamentar-se histericamente. Todo o campo bradava. De repente, tudo ficou em silêncio. Ouvia-se o som da morte. Os **Häftlinge** nos trinta barracões prendiam a respiração. Não tinham coragem nem de piscar e, se pudessem, teriam parado até com seus batimentos cardíacos. Um único sentido ficava em alerta: a audição. Todo o resto lhe era subordinado.

Os carros de transporte dos crematórios faziam muito barulho, porém andavam bem devagar e, assim, massacravam os nossos nervos. Onde parariam? Em frente de qual dos barracões?

Continuavam andando, passando pelo bloco 6...8...10... O sangue nos subia à cabeça. Mais dois blocos e teria chegado a nossa vez, bloco 16.

Pronto! Tinham parado. Devia ser o bloco 12 ou 14. Os nervos não suportavam mais. Mais um instante...

"Mãe!... Mamãe, onde você está?... Socorro!... Não... não...!"

Era o bloco 15. Isto significava que a eliminação prosseguia com os números ímpares, com os blocos do outro lado.

Seguia-se uma hora interminável. Nesta hora os **Häftlinge** do bloco 15 eram tocados para dentro dos carros de transporte e

levados até o crematório.

Então voltava o silêncio. O último carro havia-se distanciado. Mas ainda não tínhamos coragem de nos mover. O medo da morte ainda não havia nos abandonado. E se o extermínio prosseguisse? Seria a vez de quem?

*Somente pela manhã, quando o amanhecer fazia-se presente, podíamos ter a certeza de ter escapado. Então respiraríamos aliviados até a próxima noite, na qual o **Läufer** correria novamente pela alameda e gritaria em alto e bom som: "**Blocksperrreee!...**"*



Cremação de Corpos

Fonte: www.aish.com/holocaust/overview
2001

Enquanto demonstrassem as expressões do medo, da angústia e dos sinais vitais de alarme, os prisioneiros ainda poderiam ser considerados seres vivos, e o depoimento de alguns sobreviventes, permite-nos inferir que a paisagem do campo de concentração abarcava muitas outras paisagens, onde os lugares eram transmutados de minuto a minuto, propiciando uma espécie de "cauterização" nas sensações físicas e emocionais, diante das exíguas reservas de energia disponíveis e capazes de gerar movimentos e pausas no interior desta paisagem.

A coragem destes seres humanos era vencida por um inimigo implacável, suserano de uma paisagem de seres agonizantes: o medo. Em sua concretude, a continuidade da vida desaparecia ao cruzar seus portões, desmanchando-se sob as mais absurdas circunstâncias, de acordo com o relato de LUSTIG (1991:99-100):

Nos anos negros do fascismo, existiam muitas palavras que faziam estremecer milhões de pessoas na Alemanha nazista e nos países conquistados. Bastava que alguém dissesse **Gestapo** ou **SS** e um medo terrível enchia a alma de qualquer um. A palavra **Konzentrationslager** despertava um medo animal, paralisante. Toda pessoa que passasse pelo portão de tal campo era um futuro cadáver.

A SS mimava a sua criança de criação, o **Konzentrationslager**, e chamava-a de **KZ**, **Kazett**.

O primeiro **Konzentrationslager**, o primeiro **KZ**, foi fundado 160 dias depois da subida ao poder de Hitler, no 45º dia após sua posse como chanceler. No dia 21 de março de 1933, o jornal de circulação diária **Münchner Neueste Nachrichten**, publicou um comunicado assinado por Heinrich **Himmler**: Na quarta-feira, dia 22 de março, nas proximidades de Dachau, será inaugurado o primeiro campo de concentração, que pode abrigar 5.000 pessoas... No mesmo ano foi fundado o **KZ de Sachsenhausen**. Até o final do ano, 27.000 prisioneiros foram enfiados em campos de concentração.

Onze anos mais tarde, no verão de 1944, quando as cercas de arame farpado atravessavam toda a Alemanha, o número de prisioneiros tinha subido para alguns milhões e os crematórios de um único campo, **Birkenau-Auschwitz**, precisavam de apenas três dias para queimar 27.000 prisioneiros. No verão de 1944, quando eu ultrapassei os portões de **Birkenau**, todos os crematórios funcionavam ininterruptamente, dia e noite.

Obcecados pela mania de hierarquia e da distribuição em categorias, os SS dividiram até os campos de concentração em três categorias. Os campos da primeira categoria eram destinados aos prisioneiros menos perigosos, os campos da segunda eram destinados àqueles que eram processados por crimes pesados, porém tinham chances de serem reabilitados, e os da terceira eram destinados àqueles que eram considerados incorrigíveis. No entanto, logo estas diferenças se apagavam e todos os campos de concentração transformaram-se em fábricas da morte.

A mania da hierarquia e divisão em categorias da SS era visível, nos primeiros anos, também na organização dos encaminhamentos aos campos.

...O mundo dos campos de concentração era correspondentemente variado: combatentes revolucionários e criminosos comuns, trabalhadores e cientistas mundialmente famosos, artistas conhecidos e dignitários estaduais, vagabundos e altos representantes da Igreja, juízes e generais.

De início, o regulamento determinava tratamento diversificado para cada categoria de prisioneiros. Mas logo foi esquecido. Todos tornaram-se **Häftlinge**, cadáveres vivos.

Os campos de concentração enquanto uma paisagem construída, com suas áreas de barracões separadas por aléias e cercas eletrificadas em alta-tensão, e no caso de

Birkenau-Auschwitz com um conjunto de quatro crematórios com oito câmaras de gás e mais quarenta e seis fornos para cremação, além das praças de "reunir" para as "seleções", abrigaram habitantes assemelhados a fantasmas, espectros dominados pelas instabilidades de um universo não-desejado e nem ao menos sonhado ou imaginado algum dia.

Os processos de adaptação a este mundo próprio também implicavam em morrer: uma viagem, uma travessia visionária para um *lugar seguro*, onde voltariam a possuir a liberdade, a paz, a alegria, que de certo modo nos traz à recordação, a visão de Tuan (1979), na qual "somos a favor da vida e a integridade do corpo seria o alicerce de nossas sensações de ordem e inteireza". Nos campos de concentração a experiência registrou um aniquilamento em todos os sentidos, um inimigo nunca antes tão próximo - concreta ou abstratamente: o *medo* e, por esta razão, a força e intensidade que impregnaram de geossímbolos estes lugares, foram independentes dos tempos de sua duração. Paradoxos entre o tempo real e o tempo simbólico.

Ao considerarmos as relações em diferentes instâncias existentes neste entorno, podemos afirmar que estes prisioneiros foram analisados pelos SS sob múltiplos aspectos referentes à sua identidade étnica. No caso dos ciganos, a manutenção dos grupos em famílias nos blocos assegurava em um primeiro momento, a aparência de relativa segurança, constituindo-se em um fator de estabilidade emocional para eles.

Embora todos os outros referenciais concernentes às paisagens estivessem desorganizados, confusos, ocultos, apenas assomando fatos e conjunturas veladas, induzindo, a exemplo de todos os outros prisioneiros, à desconfiança, ao temor, e à ansiedade, sentidos ou pressentidos, entretanto, sempre experienciados de modo veemente, sem possibilidade de equívocos.

No campo de concentração o sentido de lugar estava associado aos sentimentos topofóbicos e mais precisamente, a uma paisagem de medo, onde o terror levava uma pessoa a encontrar o seu lugar em outra pessoa, buscando a permanência de suas referências de *mundo vivido* nos remanescentes dos seus respectivos grupos que sobreviveriam inicialmente, aos acampamentos oficiais, aos guetos e depois, aos próprios campos de concentração ou de extermínio.

A permanência nestes campos engendrou no âmago destas pessoas, percepções de um lugar apresentado como transitório, à primeira vista, mas experienciado por muitos como definitivo, enquanto espaço situacional, cenário do término de seus dias. As imagens destas paisagens de "noite e neblina" ficaram gravadas nas profundidades da memória grupal, abalando valores e julgamentos, ao registrarem lembranças dramáticas, cujas cenas estruturaram as experiências individuais e coletivas, consciente ou inconscientemente.

Lugares delineados em sua essência pelo paradoxo da segurança em termos de impedir fugas (ou a própria liberdade) - paisagem proibitiva, enquanto engendrada pelas experiências de incertezas e inseguranças derivadas do medo, da angústia; paisagem permissiva, pelas experiências associadas a todas certezas da morte. Contradições.

Por extensão, um lugar demarcado por profundos sentimentos de sobreviver, resistir e entregar-se, onde sensações e significâncias foram descritas, narradas, avaliadas em função de simbolismos próprios, vinculados a um código nem sempre decifrado, pois as percepções de um prisioneiro eram diferenciadas daquela de um não prisioneiro, de um civil, de um militar nazista, de um membro ou simpatizante do partido, pois era resultante de circunstâncias específicas ao seu universo cultural e situacional.

Contudo, estas mesmas circunstâncias seriam interpretadas à sombra de visões sócio-culturais estranhas umas às outras e, por estas razões, difíceis de serem compartilhadas, devido à incompreensão de seus conteúdos imagéticos e simbólicos, com a atribuição de significados a partir de uma visão ética e não êmica relativa às diferentes categorias de prisioneiros dos campos.

Na paisagem do campo de concentração experienciada por este segmento de população, incertezas caracterizavam cada um dos seus elementos componentes: os alojamentos, por exemplo, eram lugares de efêmera sensação de refúgio, de tentativas ou possibilidades de *sentir e descansar* em um "*lugar seguro*", conforme a visão de TUAN (1980:151-164), ou seja, um espaço de resquícios de pequenas, breves lembranças que entretanto, a qualquer momento, poderiam ser interceptadas, quebradas, fragmentadas, destruídas diante das ordens de transferência para outro campo ou de bloqueio.

O inesperado levava ao terror porque implicava em *movimento intencional* para uma paisagem de morte e de medo, onde todos os objetivos perdiam a relevância, anulavam esperanças de *um dia* encontrarem outros horizontes, antigos lugares. Nos campos de extermínio todos os espaços e todos os tempos eram orientados para a experiência da morte - biológica ou cultural.

Dos caminhos traçados no interior da paisagem de "*noite e neblina*", era preciso delinear um único outro caminho: uma trilha de sol em sua clareza meridiana, em razão da liberdade e das expectativas de reconstruir novamente uma paisagem marcada pela plenitude da Vida, apesar de todas as imagens dolorosas interiorizadas, de todas as assimetrias espaço-temporais, do conjunto de memórias contidas por estes espaços, tendo em vista que para TUAN (1980:150), "*viver é um contínuo caminhar para a frente, para a luz, e abandonar o que fica às costas, o que não pode ser visto é escuro e é passado*".

A paisagem obscura dos campos de concentração e de extermínio constituía uma rede de lugares de exílio, com suas dinâmicas e fluxos vinculados à destruição, ao ódio, ao preconceito, a morte, à extinção, sob todos os sentidos que possa abarcar. Na realidade, uma paisagem formada e percebida mediante uma rede de lugares de medo. O tempo vivido nos espaços destes lugares deixava de ser reconhecido, não importando mais quantos morreriam, pois tanto a morte quanto o medo eram a única experiência diária, em seqüências e repetições, conforme a narrativa de LUSTIG (1991:164-165):

Nos campos de concentração tudo era difícil, dolorosamente difícil. Passar fome durante anos, ser torturado diariamente, não poder se lavar, usar tamancos nos pés nus e feridos, não saber nada dos familiares, trabalhar como um escravo, ser cobaia nas experiências. Nestas condições era indescritivelmente difícil viver, e quase impossível sobreviver.

Só uma coisa era fácil: morrer.

*Ali era a casa do **Tod**.*

*Nos campos de concentração, tudo era monótono. Sempre, em todos os lugares, as mesmas cercas de arame farpado, as mesmas estacas encurvadas para o interior, os mesmos postos de guarda com os mesmo SS; os mesmos barracões, os mesmos **Kapos, Blockältesten e Lagerältesten**, as mesmas ordens, xingamentos e castigos; as mesmas porções miseráveis*

de comida, as mesmas doenças, os mesmos lamentos e maldições.

Apenas der Tod era extraordinariamente diverso.

*No campo de concentração, podia-se morrer várias mortes: surrado até o óbito, chutado, ter a cabeça atirada contra o muro do **Bunker**. Podia-se cair da ribanceira, enquanto se carregava blocos de pedra no cume da montanha, podia-se deixar cair do muro ou do andaime ou entrar no arame farpado pela qual corria a alta-tensão. Podia-se morrer quando se era pendurado pelo pescoço, pelos pés ou pelos braços amarrados nas costas. Podia-se ser estrangulado ou afogado junto com outros, num lago, ou sozinho, num balde cheio d'água. Podia-se morrer das torturas, ou dilacerado por cães-lobos, ou enterrado até o pescoço na terra. Podia-se morrer de injeções, quando diversos venenos eram injetados na veia, diretamente no coração ou nos pulmões. Podia-se morrer por um tiro na nuca ou duma salva de tiros de uma metralhadora, estilhaçado por uma granada ou queimado por lança-chamas. Podia-se morrer trancado em trens da morte, asfixiado em câmaras de gás móveis ou modernas. Podia-se morrer congelado em banheiras com água gelada ou, no inverno, ao ar livre, quando se ficava nu na neve e se era encharcado com água fria a cada meia hora. Podia-se morrer queimado na cova para cremações, na fogueira ou nos crematórios.*

*No campo de concentração, a casa do **Tod**, podia-se morrer também de morte natural, este era o caso para muitos, centenas de milhares. Morriam de fome, sede, exaustão, doenças, saudade. Saudade dos filhos, dos pais, da esposa, da amada; saudade de casa, da pátria, da liberdade... da vida.*

Matar e morrer constituíam o único movimento de simétrica cadência nas assimetrias e paradoxos desta paisagem: fases e intervalos entre a tensão da espera de uma morte imediata ou da tomada de consciência de saber que o momento estava tão somente adiado - medo e estranho alívio até a próxima e inesperada ordem de *seleção*, isto é, entre as ordens de matar e o destino de *morrer*.

Neste contexto, apenas a memória significava uma ancoragem nas cadeias das tradições culturais dos prisioneiros, com o objetivo de evocar as imagens correspondentes à percepção das realidades *manifestada* (objetiva) e *manifestante* (subjativa), universos, segundo TUAN (1980:134), delimitados pelo "*físico/histórico*" e pela "*expectativa e desejo*". Assim as imagens e os sentimentos referentes a esta paisagem vivida até hoje são os mais contraditórios e insólitos, pois ao mesmo instante em que falam de terríveis e candentes experiências topofóbicas, traduzem ainda sentimentos topofílicos. Uma topofília fundamentada na dor, despertada unicamente pelo carinho e consolo das lembranças de uma outra paisagem que *um dia* existiu: momentânea, efêmera, porém eterna, desde que interiorizada. Paisagem topofílica construída pelas lembranças anteriores aos campos, porque ao ser evocada traz à vida, seres e lugares amados.

Uma paisagem vivida quem sabe, apenas mediante uma visão e na apreensão ou evocação de suas imagens, onde segundo TUAN (1980:179), "*nossos olhos continuam procurando pontos onde repousar a vista*". Talvez, apenas por mais uma única vez... Cada elemento paisagístico passou a ser percebido sob novas interpretações,

traduzindo significados diferentes, trazendo à luz uma identidade especial, uma visibilidade firmada em imagens indelévels, fortes: ícones de toda a paisagem vivida no decorrer de muitos tempos.

A experiência ambiental passa a ser assimilada em um universo de movimentos, de intrincadas formas e ritmos, traduzidos mediante um imaginário coletivo, onde cada elemento paisagístico transcende sua original concretude, induzindo a *estranhas intencionalidades* que segundo TUAN (1980:10), ao se derivarem do aprendizado a partir do experienciar, abarcando tudo aquilo que conhecemos, são " *uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação do sentimento e pensamento*".

Deste modo, ao considerarmos a construção do sentido de lugar deparamos-nos também com a construção e o desenvolvimento de sentimentos topofílicos e/ou topofóbicos, respectivos à afeição ou à aversão de um indivíduo em referência aos aspectos do ambiente físico, conforme TUAN (1979:05,107), incluindo todos os elos de afetividade dos seres humanos com o seu meio ambiente material, percebendo-se diferenciações profundas referentes à " *intensidade, sutileza e modo de expressão*".

Estes sentimentos fundamentados em aspectos geográficos factuais e simbólicos inerentes em si, auxiliam na compreensão da realidade ambiental e dos contextos experienciados respectivos à construção do sentido de lugar, pois conforme a afirmativa de TUAN (1980:203), " *sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos*".

Como decorrência, o *sentir um lugar* associa variações simultâneas de atitudes às emoções e à atribuição de valores, pois as imagens topofílicas e topofóbicas derivam da realidade do entorno, assumindo muitas formas em função não apenas da amplitude de sua carga emocional, como também de sua intensidade, sendo enriquecidas pelas infinitas combinações da fácies dos aspectos concretos e simbólicos presentes em um dado contexto situacional.

TUAN (1980:137), ao analisar os vários aspectos envolvidos na imagética da construção do sentimento de topofilia, nos recorda que " *as imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda a claridade*".

A realidade ambiental ao fornecer o estímulo sensorial, nos induz à percepção de imagens intrinsecamente ligadas aos temperamentos individuais e às forças culturais atuantes em determinados períodos históricos, e, em conseqüência, temos a geração de sentimentos e valores, aos quais voltamos nossa atenção, consideradas as causas de nosso experienciar, tendo em mira que os lugares *transformam-se, transmutam-se* em símbolos, receptáculos de significados de parte ou de toda as nossas histórias de vida.

Assim, a mobilidade através dos lugares consiste ainda, em um mover-se por um *arquivo de lembranças*, ancoradouro das imagens de experiências relativas a *espaço, lugar, paisagem*, sendo seus elementos transformados em geossímbolos, compreendendo *inspiração, permanência, probabilidades*: força e fragilidade imanentes a uma percepção.

Sob esta ótica, os movimentos por entre os lugares, segundo TUAN (1980: 288), nos transportam de sob as sombras dos elementos paisagísticos concretos, a exemplo de uma árvore, para outras dimensões, para " *um círculo mágico sob o céu*", *na tentativa e na procura de atingir "um ponto de equilíbrio que não é deste mundo*". Estes pontos de equilíbrio, âncoras de nossas experiências ambientais em diversas instâncias, talvez não estejam, nem possam ser encontrados na paisagem externa, mas somente na interiorização dos lugares, pois não dependem dos diferentes

processos de mudanças restritos à paisagem, em seus níveis de deterioração ou degradação ecológicos.

Todavia, estão em relações de dependência aos processos da afetividade, memória e aos códigos de valores culturais responsáveis de maneira imbricada, tanto pela formação quanto pela permanência de imagens ambientais (bem como de suas ambiências), admitindo-se, porém, a variação das mesmas no decurso dos tempos.

Muitas vezes, estas conjunturas levam à gênese de uma topofilia ou uma topofobia que embora distintas, não se excluem mutuamente, podendo verificar-se em relação a uma só paisagem a ocorrência destes dois sentimentos opostos, concernentes a uma só pessoa, ou grupo cultural.

A experiência ambiental destes grupos encontra-se fundamentada em sentimentos topofílicos e topofóbicos, e a realidade geográfica apreendida induz à gênese de imagens que, por sua vez, ao serem evocadas, geram imagens complementares relembrando e reconstruindo o mosaico paisagístico do vivido, onde a integralidade espaço-temporal resgata as suas próprias imagens de homens livres e de prisioneiros, enquanto uma *comunidade de destino*.

No presente estudo, ao analisarmos a paisagem do medo e da morte representada pelos campos nazistas de concentração e de extermínio, evocamos por meio de relatos e narrativas, as memórias e sensações de alguns sobreviventes sobre as marcas de uma paisagem vivida. Nas faces, expressões súbitas de quem acabou de presenciar horrores há um instante passado... Nos olhares, o perscrutar a imaterialidade atual destes lugares como se lá ainda estivessem e, frente às situações, a perplexidade manifestada conduziu à busca de refúgios impossíveis em uma paisagem que, entre suas ordenadas formas de caos e degradação, só conseguiu comparar-se às imagens dos Infernos, pois o medo e a angústia difusos nestes lugares nunca puderam ser contidos.

Imagens de paradoxos experienciais e perceptivos, onde exílio e reclusão estruturaram a fragmentação de grupos minoritários, trazendo à luz experiências ambientais caracterizadas por estados de desespero e conflito: *visões e poderes díspares*. Paisagem de conflitos sociais, culturais, biológicos, psicológicos, religiosos, etc., submissa à contradição de forças, desenvolvendo uma topofobia calcada em uma perspectiva experiencial, mediante a somatória dos seus aspectos ambientais hostis.

Topofilia e topofobia resguardadas em evocações da memória e da percepção, porque a imagética decorrente transporta-nos a um tempo no qual os lugares de medo e morte comportavam as paisagens da vida, nas nuances do cotidiano, em suas constelações de experiências. Do processo de perda destas imagens nasce uma topofobia em função do ambiente experienciado - o campo de concentração e extermínio: símbolos, significados e significantes do cessar de toda e qualquer imagem de sonhos ou lembranças respectivas à memória e à percepção do sentido de liberdade e do sentido de lugar.

A topofilia subjacente à exteriorização dos sentimentos e emoções topofóbicos concerne às recordações de um "*existencial insideness*", em sobreposições de paisagens exteriores e lugares interiores, atingindo dimensões existenciais silenciosas, entre imagens reais e oníricas, construídas por conhecimentos e sentimentos capazes não apenas de engendram uma compreensão, mas também de responderem por um modo de orientação entre vários níveis de uma mesma dimensão, emergindo na construção e integração dos significados da experiência ambiental com a história pessoal e interpessoal existentes na relação Homem/Paisagem.

Não tratamos aqui da busca da memória dos lugares como uma espécie de "*arqueologia*" nem simplesmente, como a procura de "*ruínas*" de paisagens vividas,

sendo o resgate da memória destes lugares e de seus territórios nada mais do que a própria compreensão dos seres humanos, de suas sociedades e culturas, iniciada mediante o compreender das experiências de paisagem através dos sentimentos.

GENTELLE (1992:232), ao discorrer sobre os paralelos da Geografia e da Arqueologia em uma reflexão sobre o sentido de *território*, como *lugar de ação e de vida* das sociedades humanas, da ocorrência de seus fatos únicos (históricos) e regulares (antropológicos), afirma que "*Territoire devrait alors s'écrire 'terre-histoire'. Du fait qu'il n'existe pas de territoire sans mémoire, chaque portion de notre terre garde la trace de l'histoire humaine locale... ou mondiale... ou les deux*".

Em relação a este estudo, os territórios dos campos de concentração e de extermínio ao traduzirem uma paisagem intensamente experienciada, abarcando a história pessoal e coletiva, guardam imagens significativas de seu espaço vivido. No caso através da paisagem, a memória topofílica emergiu rompendo as realidades topofóbicas condizentes às hostilidades de ambientes construídos como monumentos à destruição, ao aniquilamento de todas esperanças e certezas, inscrevendo em suas imagens um texto sobre genocídios e topocídios.

A topofobia emergente nas comunidades dos prisioneiros, todavia, não está limitada às violências verificadas no período da II Guerra, ou exclusiva às práticas de eugenia racial, aos experimentos científicos efetivados pelo Partido Nacional Socialista Alemão, sob a liderança de Adolf Hitler. Este sentimento topofóbico relativo a muitos lugares da Terra não surgiu somente após este tempo de horrores, tendo seu desenvolvimento atravessado milênios, pois os prisioneiros ao preservarem a integridade fundamental de seus aspectos culturais, sempre foram considerados como os *outros*, proscritos, estigmatizados por estereótipos, destinados a sofrerem diferentes níveis de discriminação sócio-cultural, preconceito racial e outras formas encontradas pelas sociedades e desenvolvidas em função dos processos de aceitação, rejeição, adaptação e assimilação referentes a grupos sócio-culturais minoritários.

Percepções imersas em um ambiente concreto/imaginário derivando atitudes expressas nas diferenciadas condutas diante dos relacionamentos cotidianos com a sociedade majoritária, refletidas na assimilação de conhecimentos, na reverência aos antigos códigos de sabedoria, na observância dos preceitos da tradição e também, na criação de seus mitos e símbolos.

Para TUAN (1979: 86), "*a medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, podem mudar a atitude para com o meio ambiente - até inverter-se*" e, assim, através de uma envolvimento mais ampla, sentimentos topofílicos podem vir a transmutarem-se em topofóbicos e vice-versa, graças à natureza das percepções e experiências ambientais. A respeito destes aspectos e suas variações, o autor discorre sobre alguns exemplos clássicos da literatura antropológica, onde são citados grupos de populações completamente diferentes entre si, em reflexões voltadas às situações observadas em relação à experiência ambiental concernentes às sociedades pré-letradas e letradas, nômades, sedentárias, rurais ou urbanas, tribais ou não, de estruturas referentes a cosmovisões extremamente simples ou sofisticadas.

No entanto, no caso específico dos prisioneiros, a relação entre topofobia e topofilia não se encontra estabelecida nestes padrões, pois não envolve uma sequência temporal de fatos determinantes de um ou outro estado, invertendo sentimentos segundo uma transformação ao nível das percepções e/ou sensações que o meio ambiente venha a despertar ou suscitar. A experiência referente a topofobia *coexiste* à experiência topofílica - são simultâneas, como já afirmamos, ainda que formadas pelas contradições inerentes a esta interação, sendo vivenciadas a cada momento da experiência ambiental destes prisioneiros.

Ao considerarmos seus aspectos de irreversibilidade, a topofobia/topofilia desenvolvida ao longo deste período, levou à geração e sedimentação de atitudes e condutas responsáveis não apenas pela conservação e/ou preservação de sua cultura, como também, de seus modos de adaptação sob as formas denominadas "*cripto*", em tentativas de dissipar as nuvens, as neblinas, abrindo e trilhando um *caminho/lugar ao sol*.

Das filigranas engendradas em paisagens de medo e morte, de inesperados pesadelos e incertezas determinando os variados lugares, extraímos, então, uma topofobia como algo imanente à topofilia, onde os sentimentos topofílicos estruturam-se mesclados aos sentimentos topofóbicos, inconscientemente, emergindo de maneira espontânea em sensações e emoções responsáveis por uma intimidade física e emocional de intensa mas suave afetividade: *corpos e espíritos, ambientes e ambiências, paisagens e memórias... "Insights"*.

A afeição ou o desprezo condizentes a alguns lugares relacionam-se diretamente às ambiências experienciadas, visto que as expressões topofílicas integram o sentido do todo verdadeiramente, mesmo envolvendo faces, pontos referentes à topofobia. Esta manifestação tornou-se meridiana em nosso estudo.

Para a compreensão do sentido topofílico e topofóbico não basta um olhar analítico, é necessário um olhar êmico apreendendo imagens da paisagem vivida e, posteriormente, traduzindo e interpretando estas aos outros. A percepção assim como a experiência ambiental, não reconhece os limiares das fronteiras entre o concreto e o imaginário, porém, permite a fusão ou a interpenetração destes espaços marcados por um senso de valores de profunda significância sob a luz dos estudos sobre geograficidade, a exemplo de DARDEL (1952).

Mediante a percepção e a experiência ambiental, reconstruímos um mundo de paisagens destruídas, resgatamos a multiplicidade das imagens dos vários grupos sócio-culturais, recuperamos a identidade entre pessoas e territórios paisagísticos, porque é neste resgate que reside a memória dos seres humanos, dos seus testemunhos conservados pelas tradições, narrando uma história colorida pelos tons reais e imaginários de suas vivências através dos espaços e lugares, em seus aspectos subjetivos e objetivos. Uma experiência e infinitas percepções que dizem respeito ao agir e ao sentir...

Em nosso estudo, a topofilia é apresentada concernente a uma única paisagem vivida, na qual diferentes grupos alcançaram a unidade do mover, do existir, do ser. A topofobia se restringiu a paisagens pontuais neste mesmo cenário. Os lugares contidos nas paisagens emergentes desta paisagem global e ao mesmo tempo única ficaram conhecidos através da originalidade de emoções e das nuances dos sentimentos topofílicos e topofóbicos: amados e odiados, benditos e malditos, contudo, experienciados e vivenciados *sempre pela simultaneidade dos mesmos*: imago de uma paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNEMAISON, Joel. "Voyage Autour du Territoire". **L'Espace Géographique**, no 4, 1981, pp. 249-262.

BUENO, Antonio Sérgio. **Vísceras da Memória: uma leitura da obra de Pedro Nava**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 1994.

BUTTNER, A. and SEAMON, D. (ed.) **The Human Experience of Space and Place**. London: Croom Helm, 1980.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e Cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**, Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

GENTELLE, Pierre. "**Géographie et Archéologie**", Bailly, Antoine et al. **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1992, pp. 221-233.

LIMA, Solange T. de. "**Terra, Rotas e Tendas: sobre a paisagem vivida dos ciganos**", Caderno de Geografia, vol. 5, nº 6, dez/1994, pp. 41-47.

LIMA, Solange T. **Paisagens & Ciganos**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro/SP, 1997.

LUSTIG, Oliver. **KZ: Dicionário do Campo de Concentração**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MÜLLER-HILL, Benno. **Ciência Assassina**. Rio de Janeiro: Xenxon, 1993.

NAVEH, Zev and LIEBERMAN, Arthur S. **Landscape Ecology: theory and application**. New York: Springer-Verlag, 1984.

RAFFESTIN, Claude. "Écogénèse Territoriale et Territorialité", Auriac, Franck et Brunet, Roger (coord.), **Espaces, Jeux et Enjeux**. Paris: Fondation Diderot/Fayard, 1986, pp. 172-185.

RAFFESTIN, Claude. "Paysage et Territorialité", **Cahiers de Géographie de Québec**, vol. 21, nº 53-54, 1977 RELPH, Edward. **Rational Landscapes and Humanistic Geography**, London: Croom Helm Ltd., 1981.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

RIBEIRO, F.; MAGALHÃES, P.A. "Os Senhores da Guerra", **Madredeus: o Espírito da Paz** Lisboa: União Lisboa Produções Audio Visuais, 1994.

ROUGERIE, Gabriel et BEROUTCHACHVILI, Nicolas. **Géosystemes et Paysages: bilan et methodes**. Paris: Armand Colin, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983..

TUAN, Yi-Fu. **Landscape of Fear**. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, values**. New York: Prentice-Hall, 1974.

WAGSTAFF, John Malcolm (ed.). **Landscape & Culture: geographical & archaeological perspectives**. New York: Basil Blackwell, 1987.

Fotos obtidas via Internet, <http://www.aish.com/holocaust/overview>, 2001

Este estudo é dedicado a todos os sobreviventes do Holocausto : judeus e ciganos.

Abril, 2001/

Nissan, 5761.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

[\(VOLTAR AO TEXTO\)](#)

Professora Assistente Doutora do Depto. de Geografia e do Curso de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Organização do Espaço, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista/UNESP, Rio Claro, São Paulo / Brasil.

hadra@uol.com.br

SUMÁRIO

OLAM - Ciênc. & Tec.

**Rio Claro
ISSN 1519-8693**

Vol 1

**nº 2 p. 332 - 372
www.olam.com.br**

Novembro / 2001